

# A Política e o Ministério Apostólico *Pastor Carlos Mraida*

## Introdução

A essência da política é a busca do bem comum. Para isso, a política exerce o poder da força, para colocar limites aos interesses individuais, em prol desse bem estar coletivo. Assim que a política está em tensão permanente com as liberdades individuais e com os interesses setoriais. A arte da política, quando se trata de política democrática, faz os cidadãos livres para lhes permitir estabelecer, individual e coletivamente, seus próprios limites, individuais e coletivos. O exagero das liberdades individuais em nossa sociedade pós moderna, se produz a margem do bem coletivo, e assim, soma a sociedade em apatia política.

A sociedade atual questiona a política, seus autores e tudo relacionado a ela. Como a política com suas instituições tem como fim principal brindar a segurança<sup>1</sup>, e as instituições política existentes resultam impotentes para oferecer segurança, certeza e proteção, ocorre uma relutância generalizada pela política.

Há mais de oitenta anos Sigmund Freud escreveu *O mal estar na cultura*. Em seu escrito sugeria que a "cultura" é um truque, em que um valor entesourado se sacrifica em troca de outro, igualmente imperativo e caro ao coração. Segundo ele, o maior dom da cultura é a segurança que oferece. Em outras palavras, a cultura liberta do medo, ou pelo menos, faz com que os medos sejam menos intensos e terríveis. Por outro lado, a cultura impõe restrições a liberdade individual. Esta perda, segundo o criador da psicanálise é a causa de neuroses e desequilíbrios psíquicos.<sup>2</sup>

Seu xará Zygmunt Bauman, em seu livro *Posmodernity and its Discontents*, sugere que se Freud tivesse escrito sua obra em nossos tempos, provavelmente tivesse que mudar seu diagnóstico: hoje é a segurança que se sacrifica, dia após dia, no altar de uma liberdade individual em permanente expansão. Em pós de qualquer coisa identificável com uma maior liberdade de eleição e expressão individuais, temos perdido uma boa parte daquela segurança que oferecia a cultura moderna e ainda mais, da segurança que prometia nos dar; pior ainda, quase temos deixado de escutar as promessas que voltaremos a tê-la<sup>3</sup>. O próprio Bauman adverte que quando Freud falava de segurança, o fazia em termos muito mais amplos, do que a palavra em espanhol normalmente denota. O termo alemão *Sicherheit* inclui os conceitos de segurança, certeza e proteção. Segurança, isto é, o sentir que o temos alcançado seguirá em nosso poder; que o mundo é estável e confiável, igual aos seus padrões de justiça. Certeza, isto é, conhecer a diferença entre o racional e o irracional, o correto e o incorreto, e tudo o que faz falta para tomar decisões das quais esperamos não nos arrepender, e nos dão previsão. Proteção, isto é, sentir que se alguém se comporta de maneira correta, nenhum perigo extremo ameaçará nossa vida, nossas posses, e nossa casa<sup>4</sup>.

Este conhecimento da liberdade individual é a custa da segurança e do bem comum. Mas a pergunta é: se a liberdade já tem sido conquistada, como é possível que a capacidade humana de imaginar um mundo melhor e fazer algo para melhorá-lo não haja formado parte dessa vitória? E que classe de liberdade temos conquistado, se tão somente serve para desalentar a imaginação e para tolerar a impotência das pessoas livres enquanto a temas que preocupa todos elas?<sup>5</sup>

Vivemos em uma era pós ideológica e pós utópica. Isto provoca um prejuízo notável para a sociedade, porque entre outras coisas, faz com que vivamos sem um projeto coletivo sério. Conduz a não nos preocupar em ter uma visão coerente de uma sociedade boa e nos leva a mudar o esforço a favor do bem público pela liberdade de perseguir a satisfação individual.

Este desapeço pela politica conduz as pessoas a uma sorte de resignação e a pensar que o que se pode mudar é pouco, e ainda mais, que é inútil pensar em um mundo diferente e se esforçar por fazê-lo existir. E como o conformismo pode se exercer em solidão, para que precisamos da politica? O incremento da liberdade individual coincide com o incremento da impotência coletiva, a crescente corrupção nos autores da esfera politica. Desta maneira, não existe uma forma de traduzir as preocupações privadas em assunto publico e, inversamente, de discernir nas preocupações privadas assuntos de preocupação publica. As pessoas sentem que suas angustias não são levadas em consideração. As pontes entre o provado e o publico vão se desmoronando. Contribui significativamente que o descredito e as suspeitas sobre a classe politica são muito grandes. Assim expressava o filosofo e psicanalista grego-francês Cornelius Castoriadis: "Os políticos são impotentes...Não tem um programa. Seu único objetivo é seguir no poder".<sup>6</sup> Permitam-me colocar humor<sup>7</sup> a esta lapidaria percepção:



Apesar disso, se desejamos uma sociedade mais pacifica, com equidade, justa, precisamos reinstalar a importância da politica, entendida como a atividade humana que dirige a ação do Estado em beneficio a sociedade. E como a politica é um processo orientado ideologicamente a tomada de decisões para alcançar objetivos coletivos, como cristãos, temos que fazê-lo desde a perspectiva do Reino de Deus.

Paralelamente a esta apatia generalizada pela politica, resulta chamativo notar um despertar do interesse dos evangélicos por ela. Esta combinação de apatia social e despertar evangélico, apresenta o âmbito da politica, tanto como a uma grande oportunidade para a Igreja de estender sua missão redentora a esta esfera, como a uma grande tentação de que a Igreja seja seduzida pelo poder e perca sua voz e ação proféticas. Nem sempre essa consciência renovada da politica por parte do povo evangélico, tem sido acompanhada de uma pratica sustentada pela visão do Reino de Deus. Por isso cremos que é conveniente esboçar o assunto nesse encontro sobre o Reino e a sociedade, e dado que é uma consulta apostólica fazê-lo apontando a uma agenda para este ministério primordial.

## I. Doze posições históricas da relação entre os cristão e a politica:

1. *O poder politico é expressão do demoníaco.* Esta posição é própria de grupos separatistas extremos, e de dispensacionalistas que entre outras coisas creem que o demoníaco governa o mundo na presente dispensação, e qualquer relação da Igreja com o poder politico resulta em uma sorte de prostituição e claudicação da mesma diante dos poderes deste mundo.

2. *A Igreja como sociedade substituta e compensatória.* Esta visão faz com que os cristãos se separem do mundo e se fechem na Igreja. É o que um psicólogo chileno analisou o pentecostalismo clássico, e o chamou de "refugio das massas". A moralidade é absolutamente individualista y há uma evidente miopia do social. A única possibilidade de preocupação enquanto ao mundo, tem a ver com o medo de se "contagiar". Dali, a reclamação totalitária de muitas Igrejas sobre o tempo do cristão: Tem que ir do trabalho ao templo ou célula e dali para casa, sem nenhuma possibilidade de participação em comunidade.

3. *Indiferença social a partir de uma ética do bem estar.* Há uma servidão da Igreja a valores culturais que não tem a ver com o religioso, e que os esboça como objetivos da missão: um exclusivo sentido interior de bem estar individualista, o evangelho da prosperidade, a afirmação do eu. Tudo absolutamente separado da preocupação pelo social. Um evangelho anti-contextual. De cor norte americano principalmente, tem fortalecido esta visão de indiferença aos problemas reais de nosso continente latino americano.

4. *Capitulação política e cultural.* A Igreja unida ao Estado ou ao governo de turno. Igrejas sustentadas pelo Estado, Igrejas nacionais, Igrejas estado. A nível cultural, a assimilação também é muito arriscada. Apesar da força numérica, os evangélicos na américa latina tem uma atitude anêmica e impotente para moldar a vida nacional em cada país. Em lugar de influenciar para transforma-la, a Igreja tem refletido ou legitimado os valores culturais de nossa sociedade.

5. *Apolicismo.* Esta perspectiva separa religião e vida pública em compartimentos estanques. Os temas são: "não misturamos religião com politica" e "transformemos o coração do homem e a sociedade se transformará". A missão da Igreja se limita exclusivamente a salvação das almas. Esta tem sido a posição clássica da maioria das Igrejas evangélicas e pentecostais. Dois problemas com isto. Faz 21 séculos que a Igreja vem transformando o coração do homem, mas a sociedade está cada vez pior. É evidente que a missão deve ser mais ampla. O segundo problema é que na realidade o suposto apolicismo é uma postura ingênua. Porque a falta de participação é uma posição política que reforça o status quo. Bertolt Brecht dizia: "o pior analfabeto é o analfabeto político, o que não vê, não fala, não participa dos acontecimentos políticos. O que não sabe que o custo da vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do calçado ou do remédio dependem de decisões políticas. O analfabeto político é tão bom que se orgulha e incha o peito dizendo que odeia a politica. Não sabe, o imbecil que de sua ignorância nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos que é o politico corrupto e o lacaio das empresas nacionais e multinacionais."

6. *O protesto moral.* Em alguns países os evangélicos tem se unido para se opor as questões de moralidade publica, em sua maioria relacionados com pecados sexuais (pornografia, aborto, prostituição, homossexualismo). Este é um passo a mais na escala de participação social. E ainda que há exemplos louváveis, a nível político, ainda estamos em uma participação reativa e de aproximação "negativa".

7. *Assistência social.* Se trata de ministérios de misericórdia que assistem aos marginalizados, inválidos, pobres, refugiados, vítimas de fome e etc. Este nível de participação segue sendo reativa, ainda que agora tem um caráter mais positivo. Como todo assistencialismo não termina de transformar a realidade.

8. *Movimentos de reforma social.* Aqui estamos em um nível de maior participação. Já não se trata somente de assistencialismo, mas de projetos de transformação de realidades sociais injustas, e de promoção de indivíduos, famílias e comunidades com possibilidades de vida mais digna.

9. *As teologias de libertação.* Esta libertação é de natureza politica porque vai acompanhada da consciência da natureza ultimamente politica, isto é, suprasetorial e global da escravidão que se combate. A missão da Igreja consiste na libertação das estruturas injustas da sociedade. A salvação individual permanece recluso a um segundo plano e muitas vezes esquecida. Inclui aos teólogos da libertação latino americanos, aos novos pensadores africanos, da teologia popular, e da teologia negra, e da teologia da libertação, e aqueles que mantem e promovem dialogo com os intelectuais marxistas.

10. *A politica como parte da esfera de ação da Igreja.* Na américa latina, os evangélicos passaram da marginalização politica para uma participação aberta na década de noventa. A Igreja buscando poder para transformar a realidade. Nas ultimas décadas cada vez mais evangélicos tem se envolvidos em diferentes partidos políticos em seus países. No Peru os evangélicos no partido Cambio 90 levaram a primeira presidência de estado para Alberto Fujimori. Em 1998 em El Salvador três candidatos evangélicos competiram pela presidência em três partidos diferentes. Algo similar tem ocorrido em Venezuela, Bolívia e Brasil. Na Guatemala, a mudança nesta direção tem sido abrupta<sup>8</sup>.

Assim em todo nosso continente, de uma condenação e rejeição a política, os evangélicos a tem assumidos como parte de sua esfera de ação. Este despertar emergiu dentro de um contexto de golpes de estado, conflito bélico entre guerrilha e exercito, agudos problemas socioeconômicos do país e uma insipiente transição democrática.

11. *Partidos políticos evangélicos.* Na Argentina há varias tentativas de formação de partidos políticos evangélicos. Em 1991 se criou o Movimento Cristão Independente. Logo de participar de três eleições sem alcançar cargos. o MCI perdeu a pessoa jurídica. Seu fracasso, segundo o sociólogo Hilario Wynacrzyk, deixa varias lições. Uma delas é que a maioria dos evangélicos não vota de acordo com sua religião, mas com sua filiação social<sup>9</sup>. Outro intento mais recente, tem sido o Frente da Gente, apoiado pela federação de Igrejas e Instituições Cristãs e Evangélicas (FIICE). Esta tentativa, como outras em América Latina, apontam a busca de um espaço de reconhecimento e benefícios dentro da sociedade, mais que uma vocação de serviço e transformação.<sup>10</sup> Na Guatemala, a experiência mais recente, é a do pastor Harold Caballeros com seu movimento VIVA (Visão com Valores). Apesar de sua postulação tem dividido as aguas entre os evangélicos e não tem conseguido absorve o apoio evangélico. Mas o certo é que isto tem se repetido por todo o continente e resulta em uma posição inédita, historicamente falando<sup>11</sup>. A Igreja não se ausenta dos problemas e dos deveres da sociedade, mas que deve ser autora da transformação social. Mas como corpo, como coletivo, considero que não devemos nos envolver em nenhum partido politico, e nem formarmos um novo. Porque a Igreja que se compromete com uma determinada expressão politica, perde sua voz profética. A Igreja deve ter a liberdade de julgar e de falar de um poder que ela não tem, de uma influência, prestígios e honras que nem sequer a toca. Além do mais, porque a Igreja é para todos. Os partidos são parte. Nem a nação precisa de um grupo setorial, não faz bem Igreja um partido. Neste sentido tem que ter cuidado com os que pretendem usar a fé para apoiar uma determinada postura politica. Qualquer cristão tem a liberdade de optar por um sistema politico ou econômico determinado, mas não de afirmar que o mesmo seja cristão.

12. *Encarnação e serviço.* O ato de conceber a missão como encarnação, evita os excessos dos extremos entre um suposto "evangelho social" e um "evangelho pessoal". Com a encarnação, por um lado, se encontra a exigência de levar a serio as estruturas temporais. E por outro lado, a atitude de encarnação não supõe nenhuma influencia que pretenda dirigir a sociedade para construir uma nova ordem cristã, mas simplesmente a presença serviçal no meio dos homens.

## II. Dez fundamentos teológicos das tarefas politicas de um cristão:

1. *A valorização do mundo.* A soberania de Deus é sobre toda criação. O mundo é o objeto da criação de Deus no principio e de Sua recriação no fim. Deus não tem abdicado Seu trono. Não há outro espaço em que o Reino de Deus possa se manifestar que não seja no mundo.

2. *A presença dinâmica do Reino de Deus em todos os aspectos da realidade histórica.* Isto provoca um compromisso cristão não apesar de nossa fé, se não a causa de nossa fé.

3. *O reconhecimento positivo do mundo não impede apreciar também a presença do mal.* O universo não é um universo fechado, mas sim a arena onde o Reino de Deus está travando as batalhas espirituais contra poderes espirituais que escravizam o homem. O homem é vítima de uma ordem que o transcende e lhe impõe um estilo de vida que lhe resulta contraproducente, já que através deste estilo o absoluto é relativo e o relativo é absoluto. A Igreja não deve se ajustar as normas do mundo nem se confundir com a sociedade. Isto certamente trará confrontos entre a Igreja e o mundo, na medida que esta cumpra sua missão.

4. *A missão redentora* do Evangelho do Reino não afeta somente ao individuo, mas também as esferas sociais, econômicas, culturais e politicas nas quais este se desenvolve.

5. *O sacerdócio de todo cristão* se baseia em no caráter sagrado de todos os aspectos da vida humana dentro da perspectiva total do Reino de Deus, incluindo a politica.

6. *O cristão tem a vocação de se responsabilizar pelo que passa na sociedade.* Não deve atuar como um individuo isolado dos demais, mas sim como um membro de uma comunidade de pessoas que se preocupam pelo bem comum da sociedade.

7. *O objetivo primordial do governo e por tanto do politico cristão, é o de alcançar a justiça e a equidade.*

8. *A Igreja e seu chamado.* Como Corpo em uma cidade ou nação não está chamada a elaborar propostas politicas partidárias específicas, nem a identifica-se com nenhum sistema de organização social, nem a formar partidos políticos. A Igreja sim está chamada a se solidarizar com as lutas humanas para superar a opressão, a miséria, a ignorância e etc. Por isso a Igreja tem um rol profético

que a leva a denunciar os sistemas injustos e a colaborar na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

9. *A Igreja deve desempenhar sua função profética frente as autoridades*, de denuncia dos pecados pessoais e sociais e de anuncio de valores do Reino de Deus e sua proposta de reconciliação.

10. *A Igreja deve ocupar seu lugar nas esferas celestes* exercendo sua autoridade espiritual sobre a realidade por meio de sua tarefa intercessora e de governo, em oração pela nação e as autoridades.

11. *A Igreja como luz da terra deve cumprir sua tarefa didática em duas direções*. Em direção a sociedade, ensinando os princípios e valores do Reino de Deus, de maneira tal que fique claro o que é bom e o que é mal. E em direção aos seus membros a fim de levantar lideres em distintas vocações, entre elas a politica.

12. *A Igreja trabalha não só assistindo os mais necessitados*, mas também promovendo a paz e a justiça na sociedade, por meio de propostas concretas que promovam aos negligentes, e que ajudem na transformação das estruturas sociais pecaminosas e na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

### **III. Sete valores que fundamentam a participação politica ativa de um cristão e que este persiga sua ação politica<sup>12</sup>:**

1. *O valor da pessoa*: O ser humano é a realidade suprema e final no marco de ordem temporal. Sua existência plena é o ultimo fim de toda aspiração e organização social. Jamais deve ser considerado como um meio ou colocado como um valor secundário. O desenvolvimento integral da pessoa deve ser uma realidade certa para todo ser humano sem distinção de sexo, idade, raça, credo, ideologia, nacionalidade ou condição social. O fim de toda ação politica deve ser o de tornar possível a todo homem, mulher e criança uma vida humana plena.

2. *O valor da verdade*: A pratica da verdade é fundamental para toda relação humana e, em consequência, para toda convivência social. Sem o império da verdade, a vida social se torna caótica e anárquica.

3. *O valor da integridade*: Só a vivencia plena de uma sólida integridade moral nutrida pela verdade pode ser garantia de ordem, liberdade e justiça. A verdade como atitude disciplinada em direção a realidade, deve ser a origem e o alvo de toda ação politica orientada em direção de uma vida humana plena. Por sua vez, é a verdade o meio pelo qual se pode conseguir a realização plena da vida humana que a politica se propõe a alcançar com sua ação.

4. *O valor da liberdade*: A liberdade é impossível sem a pratica da verdade e da integridade. É direito inalienável de todo ser humano o valor maior de sua existência como tal. É a capacidade que tem cada ser humano de viver e atuar em forma plena como pessoa sim imposições arbitrarías. Esta capacidade se estende até o ponto em que chega o direito que tem seus semelhantes a ser também pessoas plenas e completas. Todo programa de ação politico deverá ser cuidadoso em reconhecer a capacidade de cada ser humano de se desenvolver para sua realização como pessoa, deverá facilitar todas as suas oportunidades e estímulos possíveis para isto.

5. *O valor da justiça*: A justiça é impossível sem a verdade, a integridade e liberdade se veem frustradas. A justiça faz com que o valor da liberdade não se exerça a margem do bem comum. Em uma ordem de direito, a justiça é a aplicação da lei com o fim de que cada pessoa consiga a realização de seus direitos e cumpra a imposição de seus deveres na sociedade. Para que estes fins se realizem, a administração da justiça deverá ser imparcial, equitativa, acessível, independente, rápida e eficaz. Haverá justiça ali onde todo ser humano encontre na ordem jurídica um discurso onde pode amparar-se do abuso e onde se defender do atropelo de seus direitos. Uma ação politica justa é aquela que vela para que a justiça alcance a todos, especialmente aos pobres e marginalizados da sociedade. Deverá, além disso, guiar-se por um alto sentido social a fim de assegurar o desaparecimento das terríveis desigualdades no aproveitamento dos bens e serviços, as quais lesionam as pessoas em sua dignidade de criatura a imagem de Deus.

6. *O valor da paz*: A paz social é filha da verdade, integridade, liberdade, e justiça. Como tal, é o resultado da reconciliação dos elementos dispares da sociedade, sem que estes renunciem sua identidade nem se elimine a heterogeneidade. A paz só é real e duradoura quando surge de uma pluralidade da diversidade em unidade. Uma ação politica responsável procurará desenvolver uma pluralidade que, com sua riqueza de nuances, enriqueça o corpo social e ofereça a todos a oportunidade de fazer sua contribuição particular para o bem geral.

7. *O valor da solidariedade*: A solidariedade é a expressão concreta da vontade fraternal de seres humanos que vivem em uma ordem de verdade, liberdade, justiça e paz. O sentimento de

mútua dependência com vistas ao bem comum é básico para o estabelecimento de uma ordem social justa. Ninguém pode ser plenamente feliz se os demais não o são. Uma ação política solidária será aquela que saiba conjugar a capacidade e a ação dos diferentes elementos construtivos da sociedade, a fim de que todos contem com a possibilidade da mais plena realização como pessoas.

#### **IV. Dez requisitos para os chamados a política:**

Mais além de que a Igreja não pode participar como coletivo da política partidária, se deve reconhecer aqueles membros que tem um chamado de Deus para desenvolver sua vocação de serviço e transformação no âmbito da política. A política não é alheia ao nosso compromisso com o Reino de Deus. Por isso devemos fomentar, apoiar, orar e ungir aos que tem vocação de liderança política. Porque o cristão com essa vocação deve-se envolver politicamente não apesar de sua fé, mas por causa de sua fé. Isto significa que a partir de sua compreensão de seguir a Cristo como Senhor, então, entende que sua responsabilidade é ser sal, que preserva, luz que ilumina, cidade edificada sobre um monte de lidera, semente de mostarda que cresce não por recursos humanos, mas pelo poder de Deus, fermento que leveda toda a massa. Mas esta vocação tem requisitos:

1. *Dirigentes servos:* A política, como qualquer outro âmbito de liderança na sociedade, deve se estender como um serviço. O alvo não é ter poder, mas uma oportunidade de servir aos outros, especialmente aos mais necessitados. A política tradicional é um meio para ser servido, mas a política, desde a perspectiva de um cristão, é um meio para servir e não para ser servido. O objetivo de um cristão não é alcançar o poder com vistas a consolidar seus próprios projetos e perspectivas, mas ocupar uma posição de serviço orientada ao bem comum. Lamentavelmente na América Latina a experiência dos políticos evangélicos, não tem sido, em geral, muito diferente a dos outros políticos. Duramente Mardoqueo Carranza Monterrosa se pergunta: "Para que serve a participação dos cristão evangélicos na política se afunda o nosso povo na miséria e na pobreza, se apenas buscam benefícios religiosos, se não mais do que manifestações de nossa marginalização dos anos transformando a nossa participação em revanche, ambição por carreira e oportunismo e não responde a um chamamento diaconal e profético?"<sup>13</sup> Jesus instruiu a seus discípulos dizendo-lhes: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós seja o vosso servo, tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir dar a sua vida em resgate de muitos" (Mateus 20.25-28).

2. *Dirigentes íntegros:* Todos conhecemos muito bem o estado de corrupção generalizada que há em nosso país. Somos conscientes também do descrédito da classe dirigente. Houve uma mutação muito significativa no que é um político. Como disse Araceli Bellota, para um dirigente hoje, ter êxito é se encher de dinheiro. Lamentavelmente em países com muitos políticos evangélicos que tem chegado no poder, executivo ou legislativo, como Brasil, a impressão das pessoas, é que são igualmente corruptos como os não evangélicos. Esta integridade também se exige para a maneira de chegar, porque como disse Martin Luther King, os fins pré existem nos meios. No Reino de Deus não se escala. No Reino é Deus quem levanta. Nossos irmãos chamados a política, tem que ter isto claro. Tem que notar-se a diferença. "E eles se tornarão a ti, mas tu não passarás para o lado deles. E eu te porei contra este povo como forte muro de bronze; eles pelejarão contra ti, mas não prevalecerão contra ti; porque eu sou contigo para te salvar, para te livrar deles, diz o Senhor; Arrebatá-los-ei das mãos dos iníquos, livrar-te-ei das garras dos violentos" (Jeremias 15.19-21). José não escalou. A escada era decrescente. Primeiro era filho preferido. Logo escravo. Não tratou de se acomodar com a esposa de Potifar. E baixou a escravo preso. E logo escrevo, preso e esquecido. Mas Deus o levantou e o colocou em segundo lugar no império mundial. Daniel não escalou. Deus o levantou porque escolheu não se contaminar como os governadores e sátrapas medos. Ester não escalou. Deus a levantou. E foi rainha. Davi não escalou. Foi ungido por Deus e se recusou a escalar voltando-se contra Saul. Absalão quis escalar e terminou pendurado em uma árvore. As mãos limpas não são somente requisitos para adorar no culto, mas sim para todos os momentos da vida. Precisamos que Deus levante hoje homens como Mardoqueu que não tomem o poder como um fim, mas sim como um meio. E não como um meio para encher o bolso, mas para servir o bem estar de todos. Se diz de Mardoqueo: "Porque Mardoqueo, o judeu foi o segundo depois do rei Assuero e grande entre os judeus, e estimado pela multidão de seus irmãos, porque procurou o bem estar de seu povo e falou em paz para toda sua linhagem" (Ester 10.3).

3. *Dirigentes idôneos*: As boas intenções não são suficientes. É necessário também ter capacidade para exercer autoridade. O feito de sermos cristãos não nos habilita automaticamente como bons dirigentes. É preciso pagar o preço de se preparar e se capacitar para enfrentar a complexidade dos problemas que acusam nossa sociedade. Dirigentes improvisados, pode ser o motivo das penosas frustrações, vergonha e descrédito para a causa de Deus. Martín Lutero disse que preferia ser governado por um turco competente que por um cristão incompetente. Que muitos da classe dirigente atual sejam não corrutos somente, mas incapazes, não é desculpa para nós. Pelo contrário, deve nos impulsionar a ser diferentes, a ser melhores. James Granfell considera que a participação dos evangélicos no governo tem rendido os frutos esperados e sua perspectiva para o futuro não faz jus<sup>14</sup>. Por isso é preciso que os que tem vocação de liderança se capacitem, busquem a excelência e ganhem em experiência.

4. *Dirigentes com uma missão de redenção*: Hoje em dia se considera a política como a busca e obtenção de poder. O último fim que se persegue é ter e exercer poder. Esta ideia é própria da natureza não redimida. Mas na visão do Reino de Deus, a política é um âmbito onde se pode expressar o poder redentor do Evangelho. A mentalidade da minoria pode nos fazer cair na atraente tentação de buscar o poder para nos sentir importantes. Temos que ter o cuidado com este perigo hoje em dia. Em todos os congressos juvenis se fala de: geração de conquista, conquistando a nação e etc. E eu entendo perfeitamente a motivação dos que colocam estes temas. A ideia é despertar os jovens para assumir uma atitude proativa na sociedade e que possam visualizar seus lugares de influência na sociedade. Eu entendo que a motivação é correta. Mas temos que ter o cuidado com o uso das palavras, porque as palavras contêm ideias, de cosmovisões, e são estruturados de realidades. É indispensável uma hermenêutica correta, uma leitura correta de pelo menos duas coisas. Da Bíblia em primeiro lugar. E um princípio essencial de interpretação da Bíblia, é a o Antigo Testamento se lê a luz do Novo Testamento. "Conquista" não é uma categoria neotestamentária, mas sim veterotestamentária. A categoria do novo pacto é a redenção. Deus não nos chama para a conquista dos âmbitos da sociedade mas sim para redimir todos os âmbitos da sociedade. Tudo deve ser interpretado a luz da cruz, e o núcleo da cruz do Calvário é a redenção. Mas também devemos fazer uma leitura correta da história e do presente. Cinco séculos na América Latina temos experimentado uma Igreja que conquistou, mas não redimiu as esferas da realidade<sup>15</sup>. E ao ler o presente vemos uma Igreja evangélica atual, que tem poder numérico, e que começa a ter influência políticas em alguns países, mas continua sem transformar.

5. *Dirigentes com inteligência emocional*: Uma das características fundamentais da dita inteligência é a capacidade de formar equipes e de trabalhar em equipes. Gostamos de liderar, temos dificuldade para co-liderar. E uma resistência impressionante de nos deixarmos ser liderados por outros. Mas na política resulta indispensável a formação de equipes que cheguem às áreas de influência, não como indivíduos isolados, mas sim como equipes. Um só não muda nada. Tem que chegar equipes. Quando Daniel teve a oportunidade de chegar ao palácio, havia formado uma equipe com seus amigos. As equipes se vão formando desde antes de chegar ao poder.

6. *Dirigentes Transformadores*: O cristão vocacionado por Deus para ascender cargos de influência na política, no governo, não é para ser mais do mesmo, mas sim para ser um agente de transformação da realidade. A avaliação de um político se faz pelas mudanças que produziu na realidade. Para isto tem que haver um projeto de país, de cidade, de bairro. Quando José teve a oportunidade de ascender a função pública, tinha um projeto. Devemos pedir aos cristãos que manifestam vocação política, que nos mostrem seus projetos de transformação. E analisa-los, ver seus fundamentos, suas propostas.

7. *Dirigentes que trabalham para o bem comum*: Hoje as democracias no mundo são uma caricatura. São democracias eleitoralistas, mas não institucionais. A ideologia política dos irmãos chamados a esta esfera da sociedade, coincide com o bem de todos? Isto é, em um mundo onde a brecha da desigualdade é tão ampla, a ideologia de nossos irmãos chamados ao mundo da política, prioriza o bem dos mais pobres? Como bem disse Israel Ortiz, os partidos políticos exigem uma lealdade absoluta aos seus programas e ideologia. Mas o político cristão responde a uma lealdade superior, a de Deus e Sua palavra, e por conseguinte, aos interesses do país o compromisso com a verdade e a justiça devem estar por cima de toda postura política<sup>16</sup>. Nos cabe lembrar de Martín Lutero, quando dizia: "A fé não oferece ao cristão um programa ou uma ideologia, mas im uma razão da mente e do coração para participar, uma preocupação central e uma norma para avaliar todo programa, ideologia, estrutura ou ação política: o bem estar do próximo"<sup>17</sup>. Deus tem um compromisso com a justiça, com os pobres, com os oprimidos, As classes poderosas já tem seu

próprio bem. E não há que confrontar, mas sim buscar a equidade. Os países escandinavos, com sociedades fundadas nos princípios da Reforma tem um brecha de 23, segundo o índice Gini, entre o que mais ganha e o que menos ganha, mas Guatemala, um dos países com maior porcentagem de evangélicos, mas com uma "cultura política social católica" tem uma brecha de 55,1<sup>18</sup>

8. *Dirigentes fortes:* Para ser um dirigente como Deus quer tem que ser forte. Forte significa consistente e não inconstante. Forte significa saber suportar as pressões e vencer. Forte significa nadar contra a correnteza. Victor Arroyo, senador evangélico peruano, afirma que "o perigo para os evangélicos é cair na ingenuidade política, tratando de atuar no cenário sociopolítico sem conhecer suficientemente a realidade onde tem que atuar"<sup>19</sup>. Os cristãos imersos na política tem que ter consciência deste mundo de corrupção, intriga, e suspeita, e estar preparados para enfrenta-lo. Forte significa perseverante. Forte é persistir a pesar de tudo. Forte é não ceder diante da corrupção. Ser forte é não se amoldar nem se minimizar, nem se acomodar. A posição de um cristão, diante do trono de Deus, não muda nem um centímetro porque se "acomoda" com alguém. Ser forte é saber que terá que enfrentar oposição. Mas que Deus o levantará como a Neemias, um homem forte. Quando os dirigentes inimigos o atacaram, e o pressionaram para que abandonasse e se fechasse na cova do templo, ele disse: "Um homem como eu fugiria? Que entre no templo para que viva? De maneira nenhuma entrarei" (Neemias 6.11). Mas Neemias havia entendido que estava em guerra. Por isso para cumprir a missão de reconstruir os muros de sua cidade, colocou o povo com uma mão na obra e a outra com a espada. O chamado a esta vocação, deve conhecer como guerrear espiritualmente, porque este âmbito está baixo principados e potestades.

9. *Dirigentes moldáveis:* Sujeitos a alguém. Primeiramente a seu pastor, e também ao ministério apostólico em uma cidade. Os políticos cristãos tem que dar contas a alguém, se fazer responsável, permitir que regularmente façam uma auditoria de suas funções. Isto o ajudará a se manter em integridade, em humildade, em autoridade porque está debaixo de autoridade. Sujeitos também primeiramente a Deus. Entre o chamado e a concretização há tempo. Este tempo é usado por Deus para trabalhar no caráter, para trabalhar a tolerância e a frustração, para trabalhar na paciência. Na capacidade.

10. *Dirigentes ungidos:* A transformação de nossa sociedade não se fará sobre base de recursos humanos. Deus levantou Zorobabel e a Josué para a restauração de Jerusalém porque diz o texto que eles eram os "ungidos que estão diante do Senhor de toda a terra" (Zacarias 4.14). Josué era o sumo sacerdote e devia estar ungido. Mas tão ungido como ele deveria estar e ser Zorobabel o governador. As transformações necessárias não se consegue com voluntarismo. Deus disse a Zorobabel: "Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito". Precisamos levantar líderes cheios do Espírito Santo, cheios de "espírito de sabedoria e revelação", para transformar a realidade.

## V. Quinze desafios para uma agenda apostólica:

1. *O desafio teológico:* Os ministérios apostólicos devem contribuir na elaboração de uma teologia de política e de poder. A declaração de Osijek sobre "liberdade e justiça nas relações Igreja-Estado" sublinha que uma teologia política deve responder as seguintes perguntas: Qual é o propósito do governo? Qual é o papel da força no governo e como deve ser usada? Que valores morais devem legislar e quais não, e quais os critérios para distingui-los? Como se emprega e controla o poder? Existe uma norma transcendente por cima do Estado? Logo agrega, "sem uma teologia política que responda a estas perguntas, a participação política será superficial, frequentemente má orientada e contraproducente."

2. *O desafio do recrutamento:* Os apóstolos em cada cidade, devem convocar os profissionais das distintas disciplinas, para levar a cabo os foros disciplinar e indisciplinar, nos quais se discutem as distintas áreas de influencia da sociedade, as problemáticas da mesma, e se elaborem projetos de transformação da realidade.

3. *O desafio docente:* os apóstolos devem se responsabilizar pela formação de uma nova classe dirigente para sua cidade e nação, ativando os recursos de ministérios docentes dentro do Corpo de Cristo. A formação dessa classe dirigente dificilmente provém dos pastores. Tem que ser dos apóstolos "e perseveravam na doutrina dos apóstolos (Atos 2.42). É preocupante a falta de quadros políticos com a devida formação política desde o marco da cosmovisão cristã. Os apóstolos e mestres tem que ajudar a estes líderes da sociedade a reler suas disciplinas, as problemáticas sociais, desde uma visão do Reino de Deus. Do contrario teremos governantes e legisladores evangélicos mas que em seus fazeres políticos instrumentam a visão secular recebida nas universidades e partidos, e não a visão do Reino. O mesmo com os juízes, economistas, educadores, comunicadores sociais, artistas,



esportistas. Este ensino apostólico não se limita aos futuros dirigentes, ainda que ali há uma prioridade, mas também ao dirigentes atuais, ainda que esta não seja evangélica, dado que o ministério docente da Igreja não se direciona unicamente para dentro da mesma, mas sim também a toda sociedade.

4. *O desafio pastoral:* Os pastores normalmente não estão preparados para pastorear as pessoas de influencia na sociedade. Não entenderam que seus ministérios não se desenvolvem dentro do programa "eclesiástico". Não entendem suas lutas e tentações. Não estão treinados para lhes dar capacitação. Isto faz que em alguns casos se produza uma brecha entre o ministério pastoral e os chamados a exercer uma influencia na sociedade. Entre outros casos, se fortalece uma ideia de que a pessoa tem uma vida espiritual e ministerial quando se ensina na escola dominical ou em uma célula, mas que sua tarefa de segunda a sexta em seu âmbito de influencia não é seu ministério. A coisa se agrava se a linha teológica do pastor coincide com algumas das questões expressadas acima, e que resulta em uma aproximação negativa em direção a politica. É por tudo isto que os apóstolos tem que assumir uma responsabilidade pastoral sobre os chamados ao âmbito da politica, enquanto ensinam aos pastores como faze-lo.

5. *O desafio diaconal:* A formação de novos quadros de liderança, não pode ser só teórica. Se não que se requer a coordenação apostólica de projetos pilotos de transformação de realidades especificas, mais pequenas, como responder a alguma necessidade particular em um determinado bairro da cidade. Que sirva como a uma ação de serviço de transformação da Igreja à comunidade e de treinamento dos chamados ao âmbito da politica. Nossa gente tem que vivenciar que a politica é um meio para servir as pessoas, transformando suas realidades e não para ser servidos. Nos partidos políticos não o vão aprender. Na congregação, muitas vezes a ênfase se limita a evangelização ou ao serviço assistencial. Mas uma visão apostólica é a que pode implementar isso.

6. *O desafio episcopal:* Isso tem a ver com uma supervisão próxima dos candidatos a cargos e posições de governo, aos feitos do pragmático. De modo que os candidatos evangélicos elaborem projetos de trabalho, planejamento de ideias e conteúdos programáticos, e não se limite a questão da imagem, carisma, e busca de apoio do voto evangélico. Também inclui um acompanhamento pastoral com auditoria daqueles que chegam ao poder, para velar por suas vidas, corrigi-los.

7. *O desafio profético:* Os problemas chegam de surpresa na Igreja e a superam. A politica não escapa desta tendência. A participação dos evangélicos na politica em geral surgiu como resultado de situações de conjuntura. O ministério apostólico tem que ativar os ministérios de revelação de maneira de desatar uma ação antecipada, preventiva.

8. *O desafio pontifical:* Como foi expressado na introdução, o incremento da liberdade individual coincide com o incremento da impotência coletiva, tanto é que a ponte entre a vida publica e a vida privada estão desmantelados. Os ministérios apostólicos tem o desafio que é de ser pontífices, isto é, construtor de pontes,<sup>21</sup> que traduzam a necessidade das pessoas em temas públicos e de discernir as preocupações privadas, em temas de preocupações publicas.

9. *O desafio estratégico:* É preciso que os ministérios apostólicos influenciem e coordenem a elaboração e apresentação de projetos de nação e politicas de estado, que se estabeleçam mas além dos governantes de turno, e que sejam respostas efetivas as necessidades reais da sociedade. Hoje devemos articular, sim, um programa econômico e social, mas fundamentalmente um projeto politico em seu sentido mais amplo. Que tipo de sociedade queremos?

10. *O desafio paradigmático:* Uma das características distintivas que tem o ministério apostólico é sua capacidade de visualizar a realidade do Reino de Deus em uma cidade, nação ou região. O Reino de Deus, em suas manifestações, instrumentos e atores, vai mais além da esfera da Igreja. Portanto o apóstolo tem a capacidade para ver ações, manifestações, levadas a cabo por autores e organizações não evangélicas, que com sua participação estabelecem algum aspecto do Reino de Deus em uma cidade ou tem o potencial de faze-lo. Então o apóstolo pode e deve liderar um processo extra-eclesial e intersetorial que promova paz e a justiça em uma cidade ou nação. A Igreja por muito tempo se posicionou na ação interna. Frente a muitos problemas assume uma atitude de reação. Tem que passa para a modalidade de pró-ação. E entrar em um nível maior que é a de interação, com outras organizações, e pessoas que trabalham para o bem comum.

11. *O desafio eclesial:* Continua sendo uma questão pendente para o ministério apostólico e para os outros ministérios de Efésios 4, o aperfeiçoamento dos santos, de maneira que a Igreja se converta em uma comunidade alternativa e alteradora. Lamentavelmente muito dos pecados sociais que vemos em nossas nações, estão instalados também na Igreja. Isto faz que a Igreja não possa

se apresentar como uma alternativa, e portanto perde seu poder alterador e transformador da realidade.

12. *O desafio basal*: Isto consiste em avançar na unidade da Igreja em cada cidade. Sem esta articulação corporativa prática e missionária, será impossível para a Igreja afetar redentoramente as distintas esferas de influência na sociedade, provocando um verdadeiro avivamento com transformação social.

13. *O desafio plural*: Assumir um ministério com semelhantes retos e demandas, requer passar da visão de um apóstolo a uma visão de equipe apostólica. Esta equipe se articula debaixo da presença de um apóstolo, mas que requer a participação ativa de outros irmãos. O presbitério da cidade, integrado pelos pastores da cidade, com dons proféticos, evangelísticos, pastorais e docentes, resulta essencial. Mas também se deve integrar a esta equipe apostólica, cristãos provenientes de distintas disciplinas, com diferentes chamados, mas com preparação teológica.

14. *O desafio espiritual*: Liderar um processo de transformação da realidade requer consciência de nossa debilidade e de nossa necessidade da ação poderosa do Espírito Santo. Uma dependência renovada em oração, jejum, para ser guiados por Ele, porque estamos fazendo caminho ao andar.

15. *O desafio de fé*: Estamos em uma sociedade que crê que se pode mudar o curso dos assuntos da realidade ou da maneira em que são dirigidos, é muito pouco. Também percebemos a resignação nas quais muitas vezes a Igreja e sua liderança se encontra imersa. Em meio a esta realidade, é preciso levantar uma voz apostólica que guie a renunciar definitivamente a este conformismo e resignação com os status quo. Uma voz e ação apostólica que desatem fé. Impulsionando a crer que ainda que as trevas cubram a terra e a escuridão os povos, sobre o povo de Deus prevalecerá o Senhor, e sobre a Igreja será vista a Sua Glória. E andarão as nações a sua luz, e os reis ao resplendor de seu nascimento. Enquanto o pessimismo é a marca de nossa sociedade, nós temos esperança. Não otimismo, que é um estado psicológico. Mas sim esperança, a qual é teológica, isto é, que se apoia nos feitos poderosos e de salvação de Deus na história. "A esperança é esta âncora que se puxa as bordas da plenitude dos tempos e nos agarramos na corda dessa âncora para não nos desorientar em meio as diversas propostas sem esperança, pessimistas ou simplesmente neutras que a vida nos coloca no coração e que não nos satisfazem no fundo e nos deixam tristes como quem caminha a deriva"<sup>22</sup>. Esta esperança radica na certeza de que o céu governa sobre a terra: Seja bendito o nome de Deus de séculos em séculos, porque Seu é o poder e a sabedoria. Ele muda os tempos e as épocas, tira reis, coloca reis, da sabedoria aos sábios, e o conhecimento aos entendidos. Ele revela o profundo e o escondido, conhece o que está em trevas, e com Ele mora a luz...Agora tem vindo a salvação, o poder, o Reino de nosso Deus, a autoridade de Seu Cristo...os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e de Seu Cristo; e Ele reinará pelos séculos dos séculos.<sup>23</sup>

**1 1Timóteo 2.1-2 ; Romanos 13**

**2 Freud, Sigmund. O mau estar na cultura(1930 [1929]). Buenos Aires e Madrid: Amorrortu editores, 1998**

**3 Bauman, Zygmunt Posmodernity and its Discontents. Cambridge: Polity Press, 1997**

**4 Bauman, Zygmunt. Em busca da política (Buenos Aires: Fundo da cultura econômica, 2009), p.25**

**5 Idem, p.9. Toda argumentação desse livro se enquadra dentro da ideia de que a liberdade individual só pode ser produto do trabalho coletivo (só pode ser conseguida e garantida coletivamente). Hoje mudamos em direção a privatização dos meios de assegurar e garantir a liberdade individual. Bauman sustenta que essa é a terapia dos males atuais, está condenada a produzir enfermidades iatrogênicas mais sinistras (pobreza massiva, redundância social e medo generalizado são algumas das mais proeminentes).**

**6 Castoriadis, Cornelius, a insignificância e a imaginação. Dialogos com: Daniel mermet, Octavo Paz, A. Madrid: Editorial Trotta,2002**

**7 Nik – Política. As melhores piadas do ano, Diario da nação, domingo 21 de janeiro de 2007**

**8 É cauteloso ver o processo em Guatemala, com dois presidentes evangélicos e muitos outros irmãos que ascenderam ao poder. Para isto recomendo a análise que faz Israel Ortiz, "Os evangélicos e a política: uma revisão do caminho". <http://www.seteca-maestria.org/articles/Kairos35-Ortiz.pdf>**

9 Wynasczyk, Hilario. *Evangelicos, sociedade e estado. Os que saíram do templo*. Em: [http://www.cristianet.com/frame\\_completa.php?subaction=showfull&id=1257333730&archive=&start\\_from=&ucat=11](http://www.cristianet.com/frame_completa.php?subaction=showfull&id=1257333730&archive=&start_from=&ucat=11)

10 O pastor Pablo Laborde, presidente da (FIICE) justificou a criação deste partido dizendo: "Necessitavamos força de representação frente ao Governo nacional. Nos municípios encontrávamos pouca resposta e tivemos problemas com alguns políticos que usaram os pastores. Atraves de uma organização tão grande (na Argentina se calcula que tem mais de 6 milhões de fiéis cristãos), temos a capacidade de gesticular as coisas diretamente com os ministérios".

<http://mujercristianaylatina.wordpress.com/2008/10/14/presentaron-un-partido-politicoevangelico-sus-alcances-y-objetivos/>

11 Jean Pierre Bastian resenha alguns dos movimentos e partidos políticos relacionados com os evangélicos em America Latina. *Bolivia: Movimento Reformista Independente, 1994. Brasil: Aliança Renovada Boliviana (ARBOL), 1992. Colombia: Serviço e Integridade, 1995. Chile: Organização Renovada Autentica, 1995. Guatemala: Bancada Evangelica, 1986. Mexico: Movimento Evangélico Progressista, 1990. Nicaragua: Primeiro encontro nacional politico evangélico, 1991. Perú: Aliança Nacional Cristã, 1980. Venezuela: Partido Nacional Cristão, 1989. El Salvador: Movimento União Cristã, 1990. El Salvador: C4-Compromisso Civico Cristão, 1990; Partido Central Autentico Nacionalista, 1987; Aliança Cristã Internacional de, 1993; Partidos e Movimentos Politicos, 1992; Grupo Lerdo de Tejada, 1996; Frente da Reforma Nacional, 1992; Partido de Justiça Nacional, 1992; Movimento Politico Cristão, 1996; Caminho Cristão Nicaraguense, 1980; Frente Evangélico, 1985; Movimento Ação Renovadora, 1990; União Renovadora de Evangelicos Peruanos, 1994; Presença Cristã, 1987; Organização Renovadora Autentica, 1993; Movimento de Solidariedade Nacional 1993; Movimento Unidade. Ver: Bastian, Jean Piere. Os novos partidos políticos e sua relação com o estado na America Latina, <http://naya.org.ar/congresos/contenido/49CAI/Bastian.htm>.*

12 Ver os nove princípios da declaração de Jarabacoa, *Fraternidade Teológica Latino Americana, Jarabacoa, 1983*.

13 Mardoqueo Carranza Monterrosa, "El Salvador: ingresso a um mundo desconhecido" e da margem ao compromisso: "Os evangélicos e a politica na America Latina" ed. René Padilla (Buenos Aires: Fraternidade Teologica LATinoamericana, 1991), p.57.

14 James Granfell, "A participação dos protestantes na politica na Guatemala", Tese de maestria, Oxford University, Inglaterra, 1994/1995.

15 Carlos Mraida "Reino, Igreja e a sociedade: 3 estilos diferentes? Encontro de Apostolic Fellowship International, Santiago do Chile, 2008, p.16.

16 Op. Cit. P.9.

17 Martin Lutero, a liberdade cristã (Buenos Aires: A aurora, 1983) p.3.

18 [http://www.nationmaster.com/graph/eco\\_dis\\_of\\_fam\\_inc\\_gin\\_ind-distribution-family-income-gini-index](http://www.nationmaster.com/graph/eco_dis_of_fam_inc_gin_ind-distribution-family-income-gini-index)

19 Elsa Romanenghi de Powel, "Participação dos evangélicos na politica Latino Americana", *Boletim Teologico* 44 (dezembro 1991): 233.

20 Aliança internacional de teólogos evangélicos na missão, "Quarta conferencia internacional" (Osijek Yugoslavia: abril de 1991), parágrafo 6, cit. Por Ortiz, op. Cit, p.22.

21 O término da raiz latina, e referido as altar personalidades politicas do Imperio Romano está formado pelas palavras *pons*, "ponte"+*facere*, "fazer", com um significado real de "construtor de pontes".

22 Jorge H. Bergoglio, homilia em ocasião da missa celebrada pelas vitimas do terremoto em Haiti, <http://www.arzbaires.org.ar/Homilias2010.htm>.

23 Daniel 2.20-22 ; Apocalipse 12.10 / 11.15